

Corações Novos para um Mundo Novo

**Convocação para o 21º Capítulo Geral
dos Pequenos Irmãos de Maria
de Marcelino Champagnat**

**Irmão Seán D. Sammon, FMS
Superior Geral**

**Instituto dos Irmãos Maristas
Volume XXXI, n.º 4
8 de setembro de 2008**

Seán D. Sammon SG
Corações Novos para um Mundo Novo
Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas
Volume XXXI – n.º 4
8 de setembro de 2008

Título original inglês:

New Hearts for a New World
Convoking the 21st General Chapter
of Marcellin Champagnat's Little Brothers of Mary

Tradução:

Sr. Ricardo Tescarolo

Editor:

Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Geral
Roma, ITÁLIA

Redação e Administração:

Irmãos Maristas
Piazzale Marcelino Champagnat, 2
00144 Roma, ITÁLIA
Tel. (39) 06 545171
Fax. (39) 06 54517217
publica@fms.it
www.champagnat.org

Diagramação e Fitolitos:

TIPOCROM S.R.L.
Via A. Meucci, 28
00012 Guidonia (Roma), ITALIA

Impressão:

C.S.C. GRAFICA, S.R.L.
Via A. Meucci, 28
00012 Guidonia (Roma), ITALIA

Fotografia:

Onorino Rota, fms

SUMÁRIO

Ezequiel 36, 26 5

Parte 1

História e contexto
dos Capítulos Gerais 7

Parte 2

Natureza e
finalidade de um Capítulo 39

Conclusão 51

Anexos 55

Notas 61

Dar-vos-ei um coração novo
e em vós porei um espírito novo;
tirar-vos-ei do peito o coração de pedra
e dar-vos-ei um coração de carne.

Ezequiel 36,26

PARTE I

História e Contexto dos Capítulos Gerais

8 de Setembro
Celebração do nascimento de Maria

Caríssimos Irmãos,

No dia 8 de setembro de 2009, terça-feira, às 9 horas da manhã, na Casa Generalícia, em Roma, os integrantes do 21º Capítulo Geral darão início aos trabalhos. O local e a data, esta coincidente com a celebração do nascimento de Maria, foram definidos pelo Conselho Geral. A data de término do encontro, embora prevista pelos Irmãos que constituem a Comissão Preparatória do Capítulo em seu planejamento, será definida pelos próprios capitulares.

Santo Inácio desaprovava os Capítulos Gerais, considerando-os um desvio de função, pois obrigavam mui-

tos preparados jesuítas a se ausentarem de suas atividades regulares. Não obstante, até mesmo ele admitia a necessidade dos Capítulos no caso da eleição do Superior Geral da Companhia de Jesus, ou ainda quando era preciso enfrentar algum assunto mais difícil que atingia sua instituição como um todo.

Por outro lado, há quem considere o Capítulo uma graça valiosa na vida de todo Instituto. Na tradição beneditina, por exemplo, esse processo é o preferido para tomadas de decisão, destacando a importância da comunidade.

A tradição marista dos Capítulos remonta aos tempos de Marcelino. O primeiro teve lugar em 1839, um ano antes da morte de nosso Fundador. Seus delegados capitulares elegeram, nessa ocasião, o Irmão Francisco como Diretor Geral. Treze anos depois, os trinta Irmãos que se reuniram para o segundo Capítulo aprovaram a regra de vida, a forma de governo e a metodologia educativa do Instituto.

Nos anos subseqüentes, os Capítulos Gerais continuaram a desempenhar papel decisivo na vida do Instituto, em especial a partir do Vaticano II, quando tiveram participação importante no processo de renovação iniciado por essa histórica reunião.

A ESTRUTURA DESTA CIRCULAR

A presente circular está dividida em três partes. A primeira inclui, além de uma introdução geral, breve histórico dos Capítulos maristas e de algumas Conferências Gerais realizadas durante o período seguinte ao Vaticano II, uma descrição do contexto social e religioso em que esses encontros aconteceram e uma análise dos fatores que influenciaram o Capítulo, realizado logo após o Concílio, nessas duas áreas.



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

Outros temas integram a parte 1: um comentário sobre a renovação da vida e da missão maristas e a importância do discernimento nesse processo; uma referência a diversos desafios que o Instituto enfrenta atualmente; uma descrição da participação e das responsabilidades de um delegado capitular; uma reflexão sobre o envolvimento dos leigos e leigas maristas na preparação do Capítulo; algumas idéias sobre a natureza dinâmica da vida da Igreja e dos diversos “mundos” nos quais vive um contingente considerável de jovens; e, finalmente, algumas sugestões práticas para ajudar o nosso preparo pessoal para o Capítulo do próximo ano.

A parte 2 assume natureza mais formal, com orientações acerca da estrutura e da finalidade de um Capítulo Geral, o processo adotado na eleição dos delegados capitulares e seus suplentes e as responsabilidades que recaem sobre Províncias e Distritos. Esta seção termina com umas palavras que ressoam como eco final do convite para caminhar juntos, na peregrinação ao XXI Capítulo geral.

A última parte da Circular apresenta dois roteiros básicos, de especial interesse para os Provinciais, pois constituem duas sínteses bem práticas: a primeira com as principais datas do processo de preparação do Capítulo e a segunda com as etapas a serem vencidas no sistema de eleição dos delegados capitulares e seus suplentes.

A TRADIÇÃO MARISTA DOS CAPÍTULOS GERAIS

Os Capítulos Gerais não acontecem por acaso. Os acontecimentos históricos, o desenvolvimento da Igreja e do Instituto e os assuntos de interesse de seus integrantes podem influenciar sua organização. Não é surpreendente constatar, portanto, que os Capítulos Gerais tenham se modificado desde o Vaticano II. Os temas abordados também variaram, acompanhando os si-

nais dos tempos. Os delegados do 16º Capítulo Geral, por exemplo, nas duas sessões (1967-1968), tiveram de enfrentar o desafio de rever muitos aspectos do nosso modo de vida à luz desse Concílio.

O Irmão Basílio, recém-eleito Superior Geral, despendeu pouco tempo em desafiar os Irmãos a atenderem aos apelos da Igreja e do mundo para que se aproximassem dos pobres e reacendessem seu zelo missionário. Em contrapartida, os delegados desse Capítulo produziram um conjunto de documentos sobre a vida e a tradição maristas que permanece relevante até os dias de hoje.

Pouco tempo depois, contudo, uma série de acontecimentos preocupantes começou a se desenrolar. Para começar, entre 1969 e 1971, 1401 Irmãos deixaram o Instituto. O descontentamento em relação à vida em comunidade começou a crescer e os defeitos pessoais, antes disfarçados pelas estruturas rígidas adotadas antes do Concílio, começaram a ficar mais evidentes. Todavia, o processo de experimentação foi assumido com vigor e generosidade por muitos que se dedicaram a remodelar nosso Instituto e sua missão visando a um tempo novo.

Em 1971, os Provinciais, o Superior Geral, o Vigário Geral e os membros do Conselho Geral reuniram-se para a primeira Conferência Geral do Instituto. Destacando que as mudanças propostas pelo Capítulo de 1967/1968 jamais significaram um rompimento com o passado, o Irmão Basílio e os outros Irmãos participantes chamaram a atenção dos envolvidos no processo de experiência e mudança para o compromisso de discernimento sobre o que constituiria valor perene e o que poderia ser considerado superado. Insistiram que a vida religiosa deveria assumir a tarefa de redefinição, tendo em vista um mundo que sofria as conturbações decorrentes de profunda metamorfose social.



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

Os participantes dessa Conferência não precisaram argumentar muito para fundamentar tal constatação. As evidências da sublevação política e social eram cada vez mais explícitas. A reforma das estruturas políticas e administrativas do recém-eleito secretário do partido comunista da então Tchecoslováquia, Alexander Dubcek, por exemplo, trouxe finalmente esperança de que nasceria uma nova primavera de liberdade no Leste Europeu. Entretanto, esse projeto acabou por preparar o terreno para a esmagadora invasão soviética de abril de 1968. A “Primavera de Praga” daquele ano teve, afinal, vida breve.

Os movimentos estudantis espalhavam-se pela Europa e América do Norte. Caracterizadas por clamores em favor de mais liberdade individual, nova moral sexual e novas relações entre os gêneros, com maior igualdade entre homem e mulher, essas iniciativas representavam um grande desafio para as concepções convencionais de moralidade e autoridade.

Os novos Estados nos continentes da África e da Ásia não escaparam da desordem que marcou esse período da história. Independentes havia pouco da dominação colonial, muitas dessas nações tornaram-se palco de crimes políticos e conflitos tribais.

Em setembro de 1976, outro grupo de capitulares reuniu-se em Roma com a tarefa de avaliar as *Constituições* que vigoravam *ad experimentum* desde 1968. Os capitulares decidiram, então, manter esse documento por mais nove anos. E, conscientes da rápida e profunda transformação social que estava ocorrendo naquele momento no mundo, voltaram sua atenção para os temas da pobreza e da justiça, estudando-os sob o prisma das áreas fundacionais da oração, do apostolado e da comunidade.

Esse trabalho resultou em documento profético. Pela primeira vez na história do nosso Instituto foi estabe-

lecida a ligação entre as questões da pobreza e da justiça. Com essa reflexão, os delegados capitulares desafiaram todos os Irmãos, em suas obras e comunidades, a se apropriarem desses temas.

Os participantes desse Capítulo redigiram uma carta dirigida a todos os membros do Instituto intitulada “*O Irmão Marista Hoje*”. Nascida do coração, procurava inspirar e motivar os leitores e, ao mesmo tempo, apresentava alguns dos frutos do Capítulo. O texto poderia ser descrito como uma necessária profissão de fé dos Irmãos em si mesmos e na identidade marista, assim como uma afirmação das pessoas com quem os Irmãos partilhavam o seu ministério e daquelas a quem foram chamados a servir.

Outro grupo de delegados dirigiu-se a Roma em setembro de 1985. Como membros do 18º Capítulo Geral, passaram dez semanas debatendo e elaborando o texto provisório do que veio depois a se tornar a edição revisada das *Constituições e Estatutos*. Encerrados os trabalhos, confiaram a redação ao Irmão Alan Delorme, da então Província de *Notre Dame de l'Hermitage*, que finalizou o admirável documento em vigor até hoje.

Na abertura, o Ir. Basílio, que na ocasião completava dezoito anos como Superior Geral, falou de sua felicidade diante da quantidade de iniciativas positivas empreendidas em muitas áreas. No entanto, a partir de seu próprio julgamento, destacou também a distância que havia entre o que era dito e escrito e a realidade, expressando preocupação com a falta de integração de muitos Irmãos. Ele atribuía esse problema, em parte, aos programas inicial e permanente de formação. Em sua análise, persistia ainda a preocupação com a qualidade da vida em comunidade e com as inúmeras diferenças de opinião acerca da natureza da educação para a justiça e do que estava comprometido no serviço aos pobres.



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

Os participantes desse Capítulo redigiram uma carta dirigida a todos os membros do Instituto intitulada “O Irmão Marista Hoje”. Nascida do coração, procurava inspirar e motivar os leitores e, ao mesmo tempo, apresentava alguns dos frutos do Capítulo.

Na conclusão do encontro, os capitulares elaboraram uma lista de prioridades. A pastoral vocacional e a reestruturação das obras apostólicas, tendo em conta a diminuição e a elevação da média de idade do efetivo marista, foram colocadas respectivamente em primeiro e segundo lugares. Outros tópicos incluíam: o fortalecimento dos programas de formação, com a esperança de que finalmente fosse aprovado um Guia² para desenvolver a nossa espiritualidade apostólica, a promoção da inculturação, a revitalização da nossa identidade de Irmãos e o envio às comunidades da mensagem das novas *Constituições e Estatutos*.

A Conferência Geral de 1989 foi a primeira na história do nosso Instituto realizada fora de Roma. Os participantes, juntamente com seis jovens Irmãos convidados pelo Superior Geral, Ir. Charles Howard, reuniram-se durante três semanas em Veranópolis, Brasil. Essa presença coincidiu com o 100º aniversário da chegada dos Irmãos na América Latina. Antes da Conferência, cada participante foi convidado a fazer uma peregrinação de solidariedade em uma das Províncias ou Distritos então existentes da América Latina.

O Capítulo de 1993 teve lugar em Roma. Durante os meses precedentes ao encontro, o Ir. Charles e seu Conselho sugeriram que três elementos deveriam se destacar no trabalho que se seguiria: mais atenção à necessidade de discernimento pessoal e comunitário, a solidariedade *ad intra* e *ad extra* e uma maior abertura aos leigos, nossos parceiros de missão. Os delegados concentraram-se em quatro temas: Missão, Solidariedade, Espiritualidade Apostólica e Formação. Também foram discutidos o discernimento, a vida comunitária e as áreas de parceria marista.

Não obstante a diversidade de assuntos discutidos no Capítulo de 1993, o tema da solidariedade prevaleceu. Como resultado das deliberações, foi organizado um *Bureau* Internacional de Solidariedade (BIS), que

continua em atividade até hoje, e um Fundo de Solidariedade, que se constituiria de doações voluntárias.

A expressão “*refundação*” foi introduzida nesse Capítulo Geral. Imediatamente, porém, gerou controvérsia, alguns entendendo o conceito como descrição adequada da extensão de uma necessária renovação e outros argumentando que ele implicava a formação de um novo Instituto.

Também o processo de reestruturação marista, desenvolvido nos últimos quinze anos, teve início nesse Capítulo de 1993. Essa ousada decisão deu a nosso Instituto um novo sentido de internacionalidade. Alguns Irmãos se encontravam em Províncias que abrangiam vários países e falavam línguas diferentes. Com o tempo, começaram a desenvolver uma percepção mais aguçada das diferenças e dos aspectos convergentes.

Em verdade, vivemos ainda os estágios iniciais de um profundo processo de reestruturação. Levará tempo até que essa iniciativa atinja o objetivo de um Instituto reestruturado e renovado no mundo todo. Para tanto, serão necessários trabalho árduo e muita paciência.

Ainda que consultores leigos e observadores tenham participado de Capítulos anteriores, o encontro de 1993 ficou marcado como o primeiro a receber um grupo significativo deles, convidados a permanecer vários dias e a apresentar, ao final da participação, uma declaração aos capitulares, depois divulgada a todo o Instituto.

Finalmente, os capitulares solicitaram que a nova Administração Geral elaborasse um documento que apreendesse os princípios do projeto educativo de Marcelino e descrevesse sua aplicação prática no mundo de hoje. Esse pedido foi finalmente atendido com a publicação de *Missão Educativa Marista – Um projeto para o nosso tempo*³.



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

Os anos seguintes ao Capítulo de 1993 foram marcados por sérios conflitos em muitas partes do mundo. Isso afetou a vida de nosso Instituto: onze Irmãos, alguns familiares de membros do Instituto, além de outros a ele associados, encontraram a morte em razão da violência étnica e da guerra ou pela mão de extremistas.

Vivemos também momentos brilhantes, sendo a canonização do Fundador um dos mais memoráveis. Províncias e Distritos igualmente empenharam-se no processo de reestruturação, com alguns, no princípio, vendo pouco sentido nisso. Com o tempo, porém, a maior parte das regiões do Instituto, aceitando o fato de que os objetivos do processo eram a vitalidade e a viabilidade do Instituto, assumiram essa incumbência do Capítulo e seguiram em frente.

Um novo milênio se aproximava quando os delegados se reuniram para o 20º Capítulo Geral. Trabalhando sob a inspiração do lema *Escolha a Vida*, produziram um breve, mas substancioso documento de mesmo título. O texto destacava cinco apelos e desafiava os membros do Instituto e seus associados a serem ousados e esperançosos em suas respostas.

Esses apelos retomavam diversos temas familiares dos capítulos anteriores — Jesus, centro e paixão de nossas vidas, a vida comunitária, a vocação do leigo marista, a justiça e os mais pobres entre os jovens. Sem dúvida, tanto o governo geral quanto os locais sentiram-se desafiados a desenvolver novas abordagens concernentes à animação e à autoridade, o que favoreceria a vitalidade de nosso Instituto.

Nesse Capítulo Geral, o Fundo de Solidariedade foi aperfeiçoado, com a solicitação às Províncias de doarem certo percentual de seu eventual *superavit* ao final de cada ano fiscal. Foi também definida uma meta global para o Fundo.

Por fim, os delegados capitulares propuseram a organização de uma publicação, semelhante em estilo e formato ao já mencionado guia de educação, que ajudaria a aproveitar ainda mais a riqueza da espiritualidade apostólica marista. E, como resposta a esse pedido, foi publicado o manual de espiritualidade *Água da Rocha: fluindo na tradição de Marcelino Champagnat*.

Nos anos seguintes, a administração geral criou três secretariados (*bureaux*), além do já existente secretariado de Solidariedade (BIS - *Bureau* Internacional de Solidariedade), para que ajudassem a colocar em ação algumas das diretrizes do Capítulo. Passaram a se dedicar, então, ao laicato marista, à pastoral vocacional e ao uso evangélico dos bens, trabalhando para o desenvolvimento dessas importantes áreas do Instituto. Um documento sobre a identidade do laicato marista e algumas circulares e correspondências foram divulgados nesse período a toda a família marista. Já outros textos foram exclusivamente dirigidos aos Irmãos, a determinada faixa etária ou a quem se dedicava a algum ministério específico.

Em 2006, os primeiros de um grupo de 150 irmãos começaram a ser preparados para a missão *ad gentes* na Ásia, como resposta aos apelos do Papa João Paulo II às congregações do mundo todo.

No mês de setembro de 2007, pela primeira vez na história do Instituto, uma Assembléia, realizada na cidade de Mendes (Rio de Janeiro, Brasil), reuniu Irmãos, leigas e leigos do mundo todo. Um mês depois, 47 Irmãos, integrantes de um grupo de 498 mártires que perderam a vida na Guerra Civil Espanhola, foram beatificados. Poucos meses depois, a casa de *l'Hermitage*, na França, começou a ser reformada. Para colocar esse tesouro a serviço do novo século, foram realizados planos de restauração completa do histórico edifício, bem como a construção de nova ala para adequar esse centro às necessidades atuais.



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

Um estudo dos resultados dos Capítulos realizados até aqui, ainda que breve, tanto quanto do contexto em que aconteceram, pode contar a história do Instituto marista.

Um estudo dos resultados dos Capítulos realizados até aqui, ainda que breve, tanto quanto do contexto em que aconteceram, pode contar a história do Instituto marista. Em cada etapa da nossa travessia é possível reconhecer as preocupações mais importantes, os fatos que se teceram para moldar uma ou outra época e a boa vontade de todos os participantes.

Nossa resposta como Instituto a esses acontecimentos todos, bem como a dramática mudança de atitude que aconteceu em muitas partes do mundo depois do Vaticano II, podem ter dificultado a percepção do movimento de outras forças poderosas, embora menos evidentes, que construíram a compreensão marista da época em que vivemos. Alguns desses acontecimentos serão considerados a seguir.

O DESAFIO DA SECULARIZAÇÃO: MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE⁴

Como já mencionado, à medida que a história dos últimos 50 anos se desenrolava e provocava impactos na estrutura e no conteúdo dos nossos Capítulos Gerais, também ocorriam algumas mudanças de natureza mais profunda e sutil. Sua influência, porém, só se tornou evidente com o passar do tempo.

A modernidade lentamente deu lugar ao pensamento pós-moderno e a secularização passou a apresentar um sentido contraditório.

De um lado, os recém-promovidos valores, como liberdade pessoal, igualdade, dignidade humana e racionalidade, ajudavam a superar a superstição, o medo e a intolerância religiosa.

De outro, a secularização também resultou com frequência em mais trevas do que luz. Quem defende esse

ponto de vista associa o secularismo à perda de fé, ao declínio da autoridade da Igreja, ao enfraquecimento da vida familiar, à irresponsabilidade sexual, ao individualismo excessivo e à “ditadura do relativismo”, conforme definição do Papa Bento XVI.

Os conceitos de modernidade e pós-modernidade apresentam perspectivas diferentes sobre a vida e ajudam a discernir melhor as mudanças que ocorreram no mundo e no nosso modo de vida nos últimos cinquenta anos. O termo modernidade foi cunhado para descrever um tipo de pensamento que teve origem no Iluminismo, passando pela Revolução Industrial e pelo período Vitoriano, chegando até os dias de hoje. Essa época foi marcada por um rápido progresso científico e pela crença de que a razão humana, e apenas ela, seria capaz não apenas de explicar a natureza, mas de melhorá-la. O individualismo, uma grande confiança na razão científica e a crença ilimitada no progresso material seriam os aspectos característicos da modernidade.

Considerando que a modernidade depende, em grande parte, do desenvolvimento econômico, a sua forma varia muito de um país a outro. De qualquer modo, essa cosmovisão, que enfatiza o progresso científico e material, tendeu a deslocar a religião para a esfera particular.

Inicialmente, a Igreja reagiu com temor a esses fatos e rapidamente construiu um mundo à parte, que tentou fazer sobreviver intacto até o início dos anos 1960. O Vaticano II, obviamente, mudou essa situação: a *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno* desse Concílio foi um sinal claro de que a Igreja finalmente aceitava a modernidade.

Há certa ironia nesse processo, pois, quando a Igreja decidiu acolher a cosmovisão da modernidade, os princípios que a sustentavam imediatamente passaram a ser questionados pelo pensamento pós-moderno.



Tudo isso baseado na idéia de que os acontecimentos catastróficos do século XX lançaram dúvidas sobre a convicção de que a razão poderia resolver todos os grandes problemas da vida. Todavia, enquanto essa crítica tomava corpo, muitos seminários e casas de formação católicos localizados no ocidente caminhavam na direção oposta. Explicar estava na ordem do dia; simbolismo e mistério tornaram-se hóspedes indesejáveis.

Retrospectivamente, essa situação pode ser entendida a partir de duas visões contraditórias. Os candidatos à vida religiosa, bem como seus membros professos, foram desafiados a assumir responsabilidade mais pessoal. Ao mesmo tempo, porém, ao aceitar o racionalismo secularizado, a vida religiosa perdeu muito da identidade anterior.

Hoje, como Instituto, convivemos com as conseqüências dessa idéia de renovação. Muitos aspectos do nosso modo de vida foram atualizados em grande parte seguindo esse pensamento racionalista. Durante certo período, parecia que se conservava a crença de que algum assessor espiritual, um processo de planejamento pastoral ou certo programa de renovação ‘encomendado’ transformaria, como num passe de mágica e da noite para o dia, o modo de vida marista e os membros do Instituto.

Mais recentemente, porém, promoveu-se o resgate do transcendente, especialmente entre os jovens. Essa tendência é tão forte hoje em dia, aliás, que o teólogo Harvey Cox, defensor da noção *‘Igreja em um mundo secularizado’*, foi levado a fazer a seguinte observação: *“Há quase três décadas escrevi um livro, “The Secular City”, no qual procurei elaborar uma teologia sobre a ‘era pós-religiosa’ que então emergia, segundo alguns sociólogos confiantes. Desde esse tempo, porém, a religião — ou ao menos algumas religiões — parecem ter ganhado novo alento. Hoje é a secularização, e não a espiritualidade, que parece caminhar para a extinção”*⁵.

Onde estava a Igreja e a vida religiosa enquanto tudo isso acontecia? Parte de ambas ficou submetida a uma cosmovisão mais apropriada ao passado do que ao presente, incluindo-se aí o modo de vida marista.

E quanto à pós-modernidade? Embora difícil de ser definida com clareza, essa cosmovisão não aceita verdades acabadas, coloca os sentimentos acima da razão, promove a tolerância, acolhe a diversidade e a pluralidade e é marcada pelo retorno à religião e à espiritualidade. Esse movimento é menos evidente nas pessoas que integram as Igrejas históricas do que naquelas que novamente estão discutindo questões religiosas. Todavia, temos a certeza de que o pensamento exclusivamente racional e secularizado já não satisfaz mais.

A pós-modernidade, porém, apresenta problemas. Inaugurou, por exemplo, a cultura de relativismo moral e da fragmentação social e individual. Demonstra, igualmente, impaciência com explicações muito detalhadas acerca da realidade e dá pouca atenção a compromissos. Por outro lado, o pensamento pós-moderno tem virtudes que não são levadas em consideração.

Tudo isso não significa que a solução do dilema estaria no retorno ao passado ou na adoção não criteriosa do pensamento pós-moderno. Sugere, todavia, que precisamos estar atentos, como Instituto, aos movimentos contemporâneos e, de modo especial, analisar os valores que neles se manifestam. Qualquer omissão de nossa parte nesse sentido pode nos atrelar ao passado no preciso momento em que um mundo novo se anuncia.

O falecido teólogo Karl Rahner afirmava que viver uma mesma época não significa necessariamente fazer parte da mesma geração. Embora correta, a observação de Rahner é incompleta. De fato, constata-se hoje que diferentes gerações podem integrar a mesma geração. Essa situação fica mais evidente nas congregações reli-



gias cujos membros são de origem oriental ou de países considerados secularizados.

No processo de preparação para o 21º Capítulo Geral, precisamos estar conscientes de que só nos beneficiaremos dele se estivermos dispostos a entender melhor as diferenças entre as gerações e aprender a apreciar a riqueza que podemos encontrar na diversidade.

Esse ano de peregrinação dedicado à organização do 21º Capítulo Geral, com início no próximo dia 8 de setembro, proporcionará a todos nós a oportunidade inigualável de não apenas nos preparar para os trabalhos desse encontro, mas para projetar 2017, ano do 22º Capítulo e do 200º aniversário de fundação do nosso Instituto.

Como será oportuno celebrar esse evento na casa de *l'Hermitage*, erguida por Marcelino, completamente restaurada! E ainda mais oportuno se o fizermos com os corações renovados! Assim, e apenas assim, a verdadeira identidade do nosso modo de vida ficará visível para todo o mundo.

DESAFIOS ESPECÍFICOS

Os participantes dos Capítulos Gerais sempre os realizaram com a esperança de que seus esforços fariam diferença para a vida e a missão do Instituto. De fato, todos os Capítulos conseguiram isso, cada um a seu modo. Hoje, contudo, precisamos dar passos decisivos para assegurar que o 21º Capítulo Geral represente uma contribuição maior do que habitualmente se esperaria dele. Em verdade, o próximo Capítulo precisa se constituir na grande virada na história da vida e da missão maristas. Se não formos bem sucedidos nisso, perdemos oportunidade única, irrecuperável.

Permitam-me que seja mais específico sobre esse ponto.

A vida religiosa contemporânea ainda não está plenamente renovada, tampouco o nosso modo marista de assumi-la. E isso não resulta de má vontade ou falta de iniciativa. Afinal, a renovação genuína não é uma forma de ser, mas um modo especial de viver o Evangelho de Jesus Cristo. Como saberemos afinal se estamos de fato renovados? Quando novamente sonharmos os sonhos de Marcelino e não permitirmos que o excesso de cautela nos impeça de fazer o que deve ser feito.

O modo franco como o Papa Bento XVI abordou o tema do abuso sexual de crianças durante sua visita aos Estados Unidos é um bom exemplo disso. Advogados de algumas dioceses e arquidioceses aconselharam o Papa a não se encontrar com as vítimas, pelo temor de que esse contato pudesse resultar em aumento financeiro das demandas judiciais contra a Igreja. Embora agradecido pelos conselhos, Bento tomou a decisão de se reunir privadamente com um grupo de vítimas. Desse modo agiu como sacerdote e não como advogado.

Saberemos se estamos renovados quando a experiência do amor incondicional de Deus nos fizer assumir o risco de ações corajosas mesmo em idade avançada e nos ajudar a dizer “sim” sem hesitações, considerações ou preocupações excessivas quanto às nossas próprias necessidades.

Saberemos enfim que estamos renovados quando nos incendiarmos e vivermos com paixão a nossa vocação e tivermos plena certeza de que somos homens apaixonados por Deus.

Hoje, no entanto, parecemos o jovem rico da história do Evangelho e, como ele, aceitamos quando o Senhor nos ensina a guardar os mandamentos para merecer a salvação eterna. A parte seguinte da história nos perturba, porém, quando o Senhor nos orienta a dar tudo o que possuímos para depois segui-lo, sem reservas



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

Dentro de cinquenta anos, a maioria dos participantes do 21º Capítulo Geral certamente não estará mais entre os vivos. Analisando meio século a partir desse futuro, o que poderíamos fazer e decidir nesse tempo que nos orgulhasse e ajudasse o nosso Instituto e a sua missão?

ou vacilo, mas com alegria, livre e generosamente como fizeram Francisco, Lourenço, João Batista, Silvestre e tantos outros antes de nós.

A prioridade do próximo Capítulo Geral não deveria ser elaborar novos documentos. Pelo contrário, deveria ser a de nos ajudar a encontrar melhores maneiras de vivermos os muitos documentos que já escrevemos. Como organização, o 21º Capítulo Geral precisa despir-se da velha rotina de fazer as coisas sempre do mesmo jeito e colocar o nosso Instituto no caminho que permita que Marcelino o reconheça no que verdadeiramente vê hoje.

Esse objetivo só será alcançado, porém, mediante intenso processo de discernimento. Essa palavra — **discernimento** — figura com freqüência nas discussões dos Capítulos Gerais. Infelizmente, ela parece ter tantos significados quantos são os delegados presentes. Não obstante o sentido que tenha para cada um de nós, de uma coisa podemos ter certeza: se um ritmo regular de oração estiver ausente da sua e da minha vida; se em nós não forem encontrados sinais visíveis de prática ascética; se um intercâmbio franco e equilibrado não se estabelecer como meio de comunicação entre todos nós, o espírito de discernimento pode ser uma bela aspiração, nunca uma realidade.

O verdadeiro discernimento nos disciplina, permitindo que vejamos o mundo com os olhos de Deus, escutemos os apelos com os ouvidos de Deus e tomemos decisões com o coração de Deus. Todavia, ver, ouvir e decidir como Deus implica orar e jejuar, além de um processo de purificação que poucos de nós estão preparados a empreender.

Portanto, precisamos superar certas relutâncias se quisermos que o próximo Capítulo nos desacomode e nos inspire com suas decisões, surpreenda e mobilize todos nós em razão dos riscos que nos desafiará a assu-

mir, conclamando-nos a ser o melhor de nós mesmos. Acataremos a vontade de Deus com espírito de amor e entrega na medida em que preconceitos, inconsistências e teimosias forem paulatinamente superados.

Dentro de cinqüenta anos, a maioria dos participantes do 21º Capítulo Geral certamente não estará mais entre os vivos. Analisando meio século a partir desse futuro, o que poderíamos fazer e decidir nesse tempo que nos orgulhasse e ajudasse o nosso Instituto e a sua missão? Foi-se o tempo em que podíamos esperar que todos estivessem a bordo. Pelo contrário, precisamos ter a coragem de partir com sentido de urgência rumo ao futuro, acompanhados por aqueles que estejam realmente dispostos a empreender conosco tal jornada.

RESPONSABILIDADES DE UM CAPITULAR

É uma honra ser eleito delegado, jamais privilégio. Aqueles que tiveram a oportunidade de participar de outros Capítulos perceberam imediatamente que o capitular está a serviço do Instituto, dos Irmãos e das pessoas que compartilham a nossa missão e a nossa vida. Vale destacar que os *Estatutos e Regras* que governam os Capítulos Gerais determinam que “um Irmão delegado deve considerar que seu dever de capitular prevalece sobre qualquer outra obrigação”⁶.

Por isso, os delegados capitulares devem dirigir-se a Roma com as capacidades necessárias à tarefa que vão enfrentar. Isso implica adequada preparação espiritual, tendo como referência a agenda — o “*Guia do Peregrino*” — que, em colaboração com outros textos pertinentes, ajudará a realizar os objetivos propostos no documento *Caminhando para o 21º Capítulo Geral*, além de outros distribuídos pela Comissão Preparatória do Capítulo. Todo esse material deve ser estudado e meditado com a devida antecedência. Se algum delegado não estiver de posse de



algum desses documentos, basta solicitar à Secretaria da Comissão Preparatória do Capítulo (<teogda@hotmail.com>), que prontamente receberá uma cópia.

Os eleitos como capitulares devem reservar todo o tempo necessário para participar plenamente desse encontro e com total disponibilidade para realizar o trabalho que demandará. Ninguém certamente deseja ficar no Capítulo mais tempo do que o preciso. Contudo, insistir na definição de data de encerramento em função de algum interesse ou compromisso pessoal, sobrecarregará os outros participantes e comprometerá o processo de discernimento.

Todos os capitulares devem permanecer até o final dos trabalhos do Capítulo. Ninguém pode se ausentar definitivamente, a não ser por razões graves e apenas com a anuência expressa da Comissão Central, mediante solicitação formalizada por escrito, para ausência da reunião por determinado período de tempo.⁷

Como já se asseverou, todos os Irmãos eleitores são livres para escolher os delegados para o Capítulo, em conformidade com as regras prescritas nas *Atas do 20º Capítulo Geral* e explicadas na Parte 2 desta circular. Deverão ser também observadas as normas para a eleição de suplentes com o correspondente processo.

PEQUENAS ALTERAÇÕES NA PRÁTICA, MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS DE ATITUDE

Mais recentemente, as modificações na maneira de conduzir as reuniões do Capítulo, além de alguns detalhes, como a própria disposição do plenário, produziram significativa mudança de visão e atitude. Antes do Capítulo de 1993, por exemplo, o processo de coleta de informações sobre os potenciais candidatos para os cargos de Superior Geral e Vigário Geral se realizava ao acaso.

Os participantes do 19º Capítulo Geral procuraram rever essa situação. Pouco antes da eleição, realizaram uma sondagem entre os delegados e fizeram circular, entre os eleitores presentes, uma relação com os nomes dos cinco candidatos mais citados. Foi dado tempo para que pudessem levantar informações a respeito dos nomes que apareciam nessa lista. No entanto, os capitulares foram orientados para que se sentissem totalmente livres para votarem nos Irmãos que julgassem chamados por Deus para exercerem essas funções no Instituto.

Durante o 20º Capítulo Geral, uma nova disposição dos assentos no salão de plenário também contribuiu para alterar toda a dinâmica. Anteriormente, o salão era organizado como um teatro, com cadeiras e mesas dispostas em fileiras ascendentes e a mesa principal colocada no tablado na frente do salão. Se, por um lado, essa disposição proporcionava uma vista desobstruída para o moderador de cada sessão, por outro, aqueles postados no fundo do salão conseguiam avistar apenas um mar de nuças dos colegas à sua frente!

Os membros da Comissão Preparatória do Capítulo Geral de 2001 decidiram, então, dispor os assentos e mesas do salão do plenário do Capítulo em uma configuração oval. Desse modo, os participantes do encontro podiam sentar-se de frente uns para os outros. Isso ajudou a promover uma mudança na postura dos delegados, que assumiram um tom mais comunicativo, fraterno e espontâneo em seu relacionamento.

UMA PREPARAÇÃO MAIS EFETIVA PARA O CAPÍTULO DOS LEIGOS E OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DE NOSSA VIDA E MISSÃO

Nos dois Capítulos Gerais anteriores, alguns leigos e leigas maristas permaneceram alguns dias no Capítulo como consultores e observadores. Nas duas ocasiões,



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

antes de partir, o grupo apresentou um depoimento ao plenário.

Os membros desses dois grupos foram, de maneira geral, selecionados pelos Provinciais e seus Conselhos nas diversas partes do Instituto. Dois eram os objetivos de sua presença no Capítulo: dar voz aos leigos maristas quando o debate e a discussão poderiam se enriquecer com a contribuição deles; e permitir que acompanhassem os trabalhos, as preocupações e a repercussão do Capítulo na vida do Instituto.

Outras congregações, que convidaram parceiros leigos como observadores em Capítulos Gerais, adotaram meios mais efetivos para ouvi-los. Em uma delas, por exemplo, ocorrida nos últimos dois anos, pelo menos um grupo de leigos realizou um encontro internacional pouco antes do Capítulo e convidou representantes dos religiosos e outros leigos e leigas. Vários temas relacionados com a missão comum foram estudados e algumas proposições discutidas e depois remetidas à consideração do Capítulo. Durante o encontro, uma equipe representativa desse grupo apresentou essas preocupações, mas a participação terminou por aí. Ainda assim, ao final, alguns deles foram convidados de volta para apresentar uma síntese e ajudar a planejar a melhor forma de levar a efeito as decisões do Capítulo.

Outras congregações também organizaram assembleias regionais ou provinciais envolvendo membros professos e leigos na preparação de seus Capítulos Gerais.

A Assembleia Internacional da Missão Marista, de Mendes, é outro bom exemplo desse esforço de incluir a contribuição de um número significativo de leigas e leigos, além de Irmãos, no estágio preparatório de um Capítulo. Os participantes desse encontro de Mendes recomendaram que os resultados fossem enviados ao Comitê Geral do Capítulo assim que estivesse formado.

Como o Capítulo Geral anterior deu ao atual Conselho Geral permissão para convidar observadores para o próximo Capítulo, não há razão para que leigos e leigas não possam ser convidados para participar das assembleias provinciais ou regionais, principalmente quando assuntos do Capítulo Geral estiverem em discussão.

A Comissão Preparatória do Capítulo também convidou leigos e leigas para participar do primeiro estágio de preparação dessa reunião. O manual, contendo a consulta inicial e intitulado *Caminhando para o 21º Capítulo Geral*, apresenta orientações que abrem a possibilidade para a participação de leigos maristas, incluindo crianças e jovens. Desse modo, pode-se dispor de um amplo painel de opiniões que enriquecerá muito o trabalho dos delegados capitulares.

CORAÇÕES NOVOS PARA UM MUNDO NOVO

Colocando palavras na boca Deus, Ezequiel (36, 26) escreveu: *“Dar-vos-ei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirar-vos-ei do peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne”*. Diante da rotina inexorável da vida cotidiana, quem de nós não deseja um recomeço, uma segunda oportunidade, um coração novo?

No entanto, muitos evitam assumir tal desafio. Para alguns de nós, o culpado disso é o medo: medo da mudança, do desconhecido, do diferente. Outros dirão que simplesmente não dispõem de vontade suficiente para produzir a energia necessária para começar de novo.

O 21º Capítulo Geral apresenta como tema *“Corações Novos para um Mundo Novo”*. Com essa escolha, os membros da Comissão Preparatória se apropriaram da admoestação de Ezequiel: se quisermos dar vida ao novo começo que tanto almejamos, é fundamental uma profunda transformação de coração da parte de cada



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

No ano 2000, os católicos no mundo perfaziam 1,1 bilhão, mas apenas 380 milhões viviam na Europa e na América do Norte, muito menos do que um século antes, portanto. Os outros 800 milhões encontravam-se no hemisfério sul, com cerca de metade desse total vivendo nos países da América Latina.

um de nós. Precisamos também ter consciência de que a mudança não ocorre por acaso. E nossa disposição de assumir esse processo pode ser frustrada por preconceitos, bem como pelos hábitos, acontecimentos e culturas do mundo em que nos encontramos.

Os avanços dramáticos da tecnologia da informação e da comunicação no último meio século propiciaram à maioria de nós fácil acesso a todos os campos do conhecimento humano. Do mesmo modo, outras áreas da vida receberam grande impacto do progresso em geral, mudando com frequência o nosso modo de vida e a relação entre nós, e entre nós com o resto do mundo.

Basta estudar o padrão do crescimento do catolicismo no último século para constatar as profundas mudanças que ocorreram em nossa Igreja.⁸ No início do século 20, havia cerca de 459 milhões de católicos no mundo, sendo 392 milhões na Europa e na América do Norte. Os outros 67 milhões estavam espalhados pelo resto do mundo, principalmente na América Latina.

Como os tempos mudaram! No ano 2000, os católicos no mundo perfaziam 1,1 bilhão, mas apenas 380 milhões viviam na Europa e na América do Norte, muito menos do que um século antes, portanto. Os outros 800 milhões encontravam-se no hemisfério sul, com cerca de metade desse total vivendo nos países da América Latina. Mantidas as condições demográficas e religiosas, o realinhamento populacional no catolicismo mundial certamente seguirá essa tendência.

Como explicar tamanha expansão? O crescimento populacional é parte da resposta, mas não é toda. O último meio século testemunhou uma impressionante onda de conversões adultas ao cristianismo, especialmente no continente africano. Entre 1970 e 1985, por exemplo, por dia, 4.300 pessoas deixavam as igrejas cristãs

da Europa e da América do Norte. Nesse mesmo período, havia, também por dia, 16.500 conversões ao cristianismo na África, produzindo um crescimento anual de cerca de 6 milhões de conversões de novos cristãos africanos.

Hoje, entre os católicos, mais da metade de todos os batismos adultos do mundo ocorrem nos países do continente africano.

Vale notar, porém, que o crescimento do catolicismo na África, em partes da Ásia e, em certa medida, na América Latina, não segue os padrões europeus de fé e de prática religiosa. De fato, uma grande quantidade de novas formas de cristianismo está sendo criada à medida que a fé se mistura com crenças e costumes nativos. Os estudiosos sugerem que esse desenvolvimento reflete a transformação cultural mais importante do cristianismo desde o período da helenização iniciado por São Paulo.⁹

Nosso Instituto não está localizado em um único mundo, mas em muitos. Esse fato não deveria nos surpreender. Afinal, somos oriundos de 78 nações diferentes, vivemos sob uma grande diversidade de sistemas políticos e estruturas de governo e estamos envolvidos em uma grande variedade de obras apostólicas dedicadas à evangelização dos jovens. A pobreza e a riqueza, o rural e o urbano, o norte e o sul, o ocidente e o oriente – toda essa diversidade identifica o nosso modo de vida e a nossa missão.

Muitas demandas conflitantes de cada um desses mundos podem atrair a atenção dos membros do Capítulo Geral. Precisamos decidir juntos, entretanto, o que é de fato pertinente e relevante para o Instituto em um encontro com a magnitude de um Capítulo Geral.

Finalmente, com a escolha do lema do 21º Capítulo Geral — *Corações Novos para um Mundo Novo* —,



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

os membros da Comissão Preparatória do Capítulo pretenderam definir algumas responsabilidades. Você e eu não conseguiremos ajudar a mudar o coração dos outros se não tivermos antes transformado os nossos. Do mesmo modo, para que um grupo se transforme, é preciso que transcenda a fronteira individual. Portanto, a menos que a mudança comece por você e por mim, pouca chance terá de se realizar de fato.

UMA IGREJA EM TRANSFORMAÇÃO

Como acontece com o mundo, a Igreja vive processo inédito de transformação, com a possível exceção da época inicial do cristianismo, quando se decidiu admitir os gentios sem que precisassem adotar o judaísmo. Considere agora o impacto dessa decisão sobre os devotos judeus da época! Esses fariseus, que haviam abraçado a mensagem daquele peregrino chamado Jesus e o consideravam o tão esperado Messias, de repente se viram diante da contingência de abandonar muitas das orações e costumes incorporados ao longo de séculos. É difícil imaginar hoje a violência que isso representou para eles.

Os cardeais, bispos e arcebispos que participaram do Vaticano II deram o mesmo audacioso passo. Deslocaram a Igreja para além do cristianismo ocidental e a desafiaram a se tornar o que sempre deveria ter sido: universal. Embora não seja possível avaliar todas as implicações dessa decisão, de uma coisa devemos estar certos: os rumos apontados pelo Concílio representaram grande impacto na vida religiosa e sua identidade. Em mais de um exemplo, a vida religiosa ocupava, antes do Concílio, um lugar seguro na estrutura hierárquica geral da Igreja. Mas, assim que a poeira se assentou após o Concílio, já dávamos sinais de certa desorientação.

Abençoada confusão essa dos últimos quarenta e cinco anos! Afinal, ela trouxe de volta à consciência de todos nós, que escolhemos a vida consagrada, de que o nosso lugar é na estrutura carismática da Igreja. O falso respeito é o verdadeiro inimigo da vida consagrada. Aliás, sempre se esperou que fôssemos intrépidos, destemidos e, com certeza, não domesticados. De fato, nosso modo de vida nunca se constituiu em mera força eclesialística de trabalho.

Logo, sempre que uma leiga ou um leigo perguntar a você ou a mim o que fazemos que eles não possam fazer, a resposta apropriada será: “Não há nada que eu faça que você não consiga”. Nossa identidade de Irmãos nunca se caracterizou, em verdade, pelo que conseguimos ou não fazer. No que tem de melhor, a vida religiosa se constituiu na memória viva do que a Igreja pode, anseia e deve **ser**.

O MUNDO DOS JOVENS

Nunca existiu o que habitualmente se denomina “o mundo dos jovens”. Realmente, as crianças e os jovens vivem hoje em vários mundos bem distintos. Precisamos, assim, voltar a desenvolver em nós um coração de missionário, isso se desejarmos conviver com eles. Isso é ainda mais verdadeiro nas nações ‘em desenvolvimento’, pois, aparentemente, sabemos mais sobre a evangelização nessa parte do mundo do que nos países ‘secularizados’.

Irmãos, não faria mal algum se tivéssemos, no 21º Capítulo Geral, a mesma visão dos nossos Irmãos do 16º, ocorrido após o Concílio. Essa reunião remodelou a vida e a missão maristas, na forma como as conhecíamos, e provocou um processo de mudança e renovação que continua até hoje. Não terá chegado o momento de discernir o que pertence e o que não pertence ao Espí-



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

rito e dar passos corajosos para promover a renovação da nossa vida e da nossa missão neste século?

Um Capítulo Geral se realiza a cada oito anos e a eficácia dele depende diretamente de nós. Temos certeza de que a graça de Deus está sempre conosco. No entanto, o que está em questão aqui é a nossa resposta a ela. Estamos mesmo dispostos a ousar, tomar decisões difíceis, ou mesmo inéditas, e assumir o custo de colocá-las em prática? Se de fato estamos, será necessário analisar alguns desafios, que coloco a seguir.

Primeiro, precisamos reverter a tendência atual, em algumas partes de nosso Instituto, de desviar o olhar da geração a quem Marcelino entregou seu coração, para nos tornar especialistas da Igreja na evangelização das crianças e jovens pobres onde quer que se encontrem.

Alguns Irmãos comentam com tristeza que já não entendem mais os jovens, nem demonstram possuir as capacidades necessárias para estar com eles. Não tenho dúvidas de que se dizia exatamente o mesmo em relação a nós durante o tempo em que éramos jovens. Os membros das novas gerações precisam de que os adultos participem de suas vidas para escutá-los e compreendê-los, cuidar deles e amá-los, propiciando-lhes o dom da esperança — e sempre lhes dizendo o quanto Jesus os ama. O Instituto que, hoje, assume como foco as crianças e os jovens pobres, precisa encontrar meios mais eficazes de ligar o Evangelho com o mundo e desenvolver uma linguagem de fé que toque os corações e mentes das novas gerações.

Segundo, devemos nos tornar, como Marcelino, antes e acima de tudo, homens de Deus. Isso deveria estar bem visível em tudo o que fazemos e dizemos. Não podemos mais tolerar em nós a aparência de que somos valorosos trabalhadores na construção do Reino, mas ao mesmo tempo ficamos aquém das expectativas em

nossa vida pessoal de oração e em nossa espiritualidade. A expressão *Jesus é o centro e a paixão da minha vida*, mais do que um ideal remoto ou um pensamento inspirador, deve se constituir em realidade concreta na vida de cada um de nós.

Terceiro, alguns aspectos de nossos programas de formação inicial e permanente merecem estudos e mudanças. Os programas de formação inicial às vezes parecem enfatizar mais a capacitação profissional do que a formação religiosa. Sem dúvida, é imprescindível uma educação adequada para os trabalhos que assumimos. Entretanto, cabem aqui duas perguntas: Será que nossos jovens saem de nossos noviciados apaixonados por Jesus e retratos vivos de Marcelino Champagnat? E o que dizer dos escolasticados, que simplesmente desapareceram em algumas partes de nosso mundo marista?

A formação deve visar ao coração e ao espírito. Para ser eficaz, são essenciais tempo e formadores bem preparados. Alguns programas atuais de formação permanente correm o risco de se tornar simpósios em que os Irmãos são expostos a uma série de palestras com informações a respeito de uma variedade de disciplinas. Isso é de fato necessário para Irmãos idosos ou de meia idade?

Quarto, a comunidade é o coração do nosso modo de vida como Irmãos. No entanto, cada vez mais ela é mencionada por alguns Irmãos como razão para a solicitação de dispensa dos votos. Precisamos desenvolver as capacidades necessárias para viver em comunidade, fazendo isso de maneira generosa, simples e tolerante, sempre abertos àqueles com quem partilhamos a missão e àqueles a quem somos chamados a servir. Nossas comunidades deveriam ser lugares onde os jovens se sentissem em casa, bem-vindos e acolhidos.

Uma comunidade marista genuína precisa ser marcante para todo visitante, que deveria levar consigo a



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

A formação
deve visar
ao coração
e ao espírito.
Para ser eficaz,
são essenciais
tempo e
formadores
bem
preparados.

certeza de que esteve entre pessoas de oração, tocadas pela vida e com o coração ardendo de entusiasmo pela evangelização das crianças e dos jovens pobres. Ao mesmo tempo, somos obrigados a admitir que há entre nós alguns Irmãos que se queixam de ter sido marcados pela comunidade por certas expectativas inatingíveis ou pelo convívio difícil.

Quinto, a vocação de um Irmão marista e a de uma leiga ou leigo marista são chamados distintos, mas necessários, para a plenitude da vida da Igreja. Precisamos esclarecer certa confusão a respeito da identidade de cada uma, descrevendo os elementos que as vocações dos Irmãos e as dos leigos e leigas maristas apresentam em comum, bem como aquelas características que tornam cada uma singular. Acima de tudo, precisamos compreender o papel importante, mas diverso, de cada estado de vida na Igreja.

O chamado à santidade e à missão tem origem comum: o batismo. Infelizmente, a partir daí, muitas pessoas, incluindo alguns religiosos e religiosas, acabam por valorizar sacerdotes, Irmãs e Irmãos mais por aquilo que fazem do que por quem eles são. A intransigência desse ponto de vista distorce qualquer entendimento de qual seja o verdadeiro lugar e propósito dos religiosos na Igreja. Afinal de contas, como a profissão pública de viver radicalmente o Evangelho constitui a razão e a finalidade de suas vidas, devem assumir a missão de ser a consciência da Instituição, continuamente chamando sua atenção para o compromisso de dar o melhor de si mesma. Qualquer falha da vida consagrada em realizar essa tarefa causará sofrimento à Igreja e a ela própria.

Sexto, a pastoral vocacional deve ser prioridade para todos nós. Além das imprescindíveis orações pelas vocações e do muito trabalho que ainda falta ser feito, deve-se considerar a necessidade de contarmos com a ajuda dos parceiros leigos e de desenvolver maneiras

inéditas e criativas, ou mesmo reativar antigas, para atrair novas vocações. Entretanto, é preciso liberar o pessoal necessário para essa tarefa caso pretendamos obter resultados satisfatórios.

Sem dúvida, a qualidade da vida religiosa dos Irmãos é o meio mais eficaz para atrair novos membros. É também importante ter sensibilidade para fenômenos como a globalização e a internacionalidade. Em muitas partes do mundo, precisamos ser bastante abertos para acolher candidatos dos novos grupos de imigrantes que recentemente chegaram a esses países.

Sétimo, esse próximo Capítulo será ótima ocasião para demonstrarmos respeito por nossa grande diversidade cultural e de maneiras de agir. Antes, a organização dos Capítulos e o processo de conduzir os trabalhos ficavam sempre a cargo quase exclusivo de capitulares do ocidente. Não que seja um problema, mas, de qualquer modo, eles representavam apenas parte dos membros do Instituto.

Assim, antes de adotar as habituais questões de ordem, podemos dedicar algum tempo antes ou no início do Capítulo para deliberarmos sobre a melhor forma de conduzir o encontro, de tal modo que todos se sintam acolhidos. Isso pode levar algum tempo até nos acostumarmos, mas, se garantir maior participação de todos, teremos certeza de que a voz de grande parte do Instituto será ouvida.

ALGUMAS ATIVIDADES SUGERIDAS

“Não sou catedral, apenas modesta capela.” O Fundador teria apreciado essa mensagem poética. Marcelino, sabendo que não possuía todos os dons naturais para dirigir o Instituto que fundara, recorreu a Maria e colocou seu projeto sob a proteção dela. Por isso imagino que, se estivesse aqui hoje para nos aconselhar, Marcelino nos diria para aceitarmos nossas limitações pessoais



se quisermos que o 21º Capítulo Geral realize todo o seu potencial.

Como dito anteriormente, a preparação para o 21º Capítulo Geral deve incluir um processo de discernimento que nos leve à “indiferença espiritual”. Sem isso, corremos o risco de desperdiçar com divagações inúteis e discordâncias insignificantes a graça que esse acontecimento tão importante na história de nosso Instituto pode nos propiciar.

Assim, como preparação para esse nosso próximo Capítulo Geral, lance um convite: do início da semana de 8 de setembro de 2008 até o dia da abertura do Capítulo, dedique um dia por semana para orar e jejuar comigo, ou comprometa-se com uma ação positiva em favor da justiça junto às crianças e jovens. O dia escolhido não é o importante. O que nos integrará na solidariedade será o desejo de juntos abraçarmos essas ações.

Peço também que se retome o exercício diário da celebração da Eucaristia nas comunidades onde essa prática arrefeceu. Todavia, a comunhão duas ou três vezes por semana já seria importante incremento nos lugares em que não se partilha mais a Palavra de Deus nem se comunga o corpo e o sangue de Cristo.

Se houver uma capela na obra onde você e a sua comunidade servem, considere a possibilidade de celebrar nela a Eucaristia, abrindo suas portas para os leigos maristas e qualquer outra pessoa que deseje partilhar conosco a preparação para o Capítulo Geral do próximo ano. E, sensíveis às peculiaridades de cada cultura, façamos tudo com simplicidade: vinte minutos de manhã, antes do almoço ou no final do dia atrairá mais gente do que uma celebração que demande mais tempo.

Por fim, prepare-se utilizando o *Guia do Peregrino* do Capítulo e o manual intitulado *Caminhando para o*

21º Capítulo Geral, que traz várias meditações para serem partilhadas em comunidade e, dependendo da Província, com outros grupos. Os textos do segundo documento vão ajudar todos os envolvidos a refletir sobre o próximo Capítulo Geral e identificar os assuntos que seus integrantes deveriam tratar. Provavelmente você já deve ter recebido esse segundo manual e estar se dedicando a completar as tarefas propostas por ele junto com a comunidade. Se não for o caso, por favor, tome as devidas providências para fazê-lo antes do prazo final de enviar comentários à Comissão Preparatório do Capítulo. Sua contribuição para o Capítulo é muito importante e necessária.

PARTE 2

Natureza e finalidade de um Capítulo

O documento *Constituições e Estatutos*¹⁰ é bastante sucinto e objetivo ao abordar o Capítulo Geral, apresentando apenas cinco artigos (138-142) e quatro estatutos. O texto define a natureza e a finalidade do Capítulo, descreve quatro funções específicas e os procedimentos para a eleição de seus membros.

Destacaremos a seguir os pontos mais importantes. Em primeiro lugar, Capítulo é uma reunião representativa de todos os Irmãos do Instituto, e não apenas dos líderes ou superiores. Para garantir que esse princípio seja respeitado, o total dos irmãos eleitos delegados ao Capítulo será de 15 Irmãos a mais que o total dos membros de direito. No grupo de membros de direito estão incluídos o Superior Geral, o Superior Geral precedente, o Vigário Geral, os Conselheiros Gerais em função na abertura do Capítulo e os Provinciais.

Todos os Irmãos professos perpétuos, com exceção daqueles em processo de exclausuração ou de

transferência para outro Instituto, podem ser eleitos capitulares.

Todos os Irmãos professos perpétuos ou temporários, exceto aqueles em excomunhão ou transferência, são eleitores.

Os capitulares podem convidar qualquer pessoa como observadora ou consultora do Capítulo. Os membros do 20º Capítulo Geral conferiram autoridade ao Superior Geral e a seu Conselho para convidar pessoas ao Capítulo desde que o número delas não ultrapassasse 15% do total de delegados.¹¹ Antes dos eventuais convites, contudo, o Superior Geral e seu Conselho devem deliberar com os membros da Comissão Preparatória do Capítulo a respeito.

O direito de votar em decisões do Capítulo é reservado exclusivamente aos delegados capitulares.

Quando em sessão, um Capítulo Geral assume extraordinariamente toda a autoridade. Mantendo os princípios de colegialidade e subsidiariedade, os capitulares devem, no entanto, ocupar-se com os temas que estejam no âmbito de suas competências. Por exemplo, um Irmão pode escrever à Comissão Preparatória do Capítulo e pedir que o Superior de sua comunidade seja substituído. Ora, por mais importante que esse pedido possa ser, não é competência do Capítulo Geral tratar disso.

Os delegados capitulares assumem quatro responsabilidades:

1. proceder à eleição do Superior Geral, do Vigário Geral e dos membros do Conselho Geral;
2. tratar dos assuntos de maior importância que digam respeito à natureza, à finalidade e ao espírito do Instituto e de lhe promover a renovação e a



atualização, salvaguardando-lhe o patrimônio espiritual;

3. fixar estatutos para todo o Instituto;
4. submeter à Santa Sé as modificações consideradas necessárias em alguns pontos das Constituições.

Essas quatro responsabilidades constituem a “descrição da função” de um delegado capitular. Embora claras nos objetivos, não devem, porém, limitar a criatividade, tampouco a imaginação dos integrantes do Capítulo. Os membros de reuniões anteriores assumiram essas mesmas responsabilidades, sendo bastante oportunos no estudo de assuntos que consideravam urgentes e importantes.

PONTOS A CONSIDERAR NA ELEIÇÃO DOS DELEGADOS CAPITULARES

Como já se comentou, ser delegado capitular é honra, não privilégio, mesmo que no passado alguns Irmãos tenham sido eleitos para o Capítulo como demonstração de apreço por suas realizações. Obviamente, todos são livres para eleger qualquer Irmão considerado capaz de bem servir como capitular. Descrevo a seguir detalhes do perfil do delegado capitular que podem ajudar na escolha.

O processo de votação deve acontecer em clima de reflexão, diálogo e oração. Aproveite, por exemplo, o período entre a leitura desta circular e a época da eleição dos delegados para partilhar com os colegas os pensamentos sobre quem seria mais capacitado para essa função.

Reserve tempo para orar e se libertar de preconceitos, bem como do que poderia ser considerado interes-

se particular de uma Província ou área do Instituto. O Capítulo Geral é ocasião para se estender a reflexão para além das fronteiras de uma região ou unidade administrativa e tomar a decisão levando em conta os interesses e as necessidades do Instituto como um todo.

Quando todos os eleitores estiverem prontos para votar, organize um momento simples de oração com a comunidade e incorpore nele o processo de votação. Se as circunstâncias permitirem, convide uma comunidade próxima para compartilhar o processo. Se isso for possível, reserve tempo suficiente para propiciar a todos os presentes a oportunidade de discutir os nomes dos Irmãos nos quais se pretende votar. Desse modo, é possível trocar idéias sobre as razões da escolha e dialogar sobre as divergências.

Para essa votação, adote a mesma seriedade usada para a sondagem ou a eleição de Provincial. Os participantes de um Capítulo têm a responsabilidade de dar sentido ao futuro do Instituto. Certifique-se, pois, de estar elegendo homens capacitados para essa tarefa. Lembre-se também de que o Capítulo é uma peregrinação, não uma reunião de negócios. Exige, portanto, oração e paciência, conhecimento da história do Instituto e da espiritualidade marista, além da capacidade de compreender que cada cultura adota modos próprios de agir e de que essas diferenças enriquecem o Instituto.

Eleja Irmãos criativos e capazes de sonhar. Um Capítulo pede a cada participante que amplie sua imaginação, para assim poder encontrar soluções inéditas e eficazes. Por isso, escolha Irmãos que saibam ouvir e sejam reflexivos, flexíveis e dispostos a mudar de idéia quando necessário.

Procure também indicar Irmãos que saibam comunicar e comunicar-se, mas não apenas no Capítulo. Os delegados capitulares deverão estar aptos a levar a men-



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

sagem do Capítulo em sua volta para casa. Escolha, portanto, quem esteja preparado para isso.

Indique Irmãos que o façam recordar Marcelino. Homens abertos ao Espírito de Deus, cheios de entusiasmos pela missão marista, capazes de enfrentar problemas difíceis sem esmorecer, conscientes de que as respostas aos problemas enfrentados pelo Instituto devem ser encontradas sempre com os olhos voltados para o futuro.

Por isso, dirija seu próprio olhar ao futuro. Ao escolher os delegados ao Capítulo, você certamente pensará em líderes com capacidade de tomar decisões e colocá-las em prática. Com potencial, portanto, para ajudar a construir esse futuro.

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Os membros do 19º Capítulo Geral (1993) aprovaram novo processo para eleger delegados capitulares, buscando corrigir, tanto quanto possível, algumas imperfeições existentes no passado.¹² Às vezes, a fórmula antes adotada fazia com que uma Província com 151 Irmãos tivesse o mesmo número de delegados capitulares que outra com 299. Do mesmo modo, uma Província com 24 Irmãos chegava a ter o mesmo número de delegados que outra com 149.

O Capítulo Geral é integrado por Irmãos que participam por direito de ofício e por outros eleitos pelas Províncias e Distritos.¹³

São 34 os membros de direito, incluídos, nesse total, o Superior Geral, o Superior Geral imediatamente precedente, o Vigário Geral, os Conselheiros Gerais que estejam em exercício por ocasião da abertura do Capítulo e os Provinciais.

Os delegados para o Capítulo geral¹⁴, constituem 49 e, como foi dito, são 15 a mais do que os membros de direito¹⁵. São eleitos diretamente pelos Irmãos, em votação secreta, sendo necessária a maioria absoluta para ser eleito no primeiro escrutínio.

Haverá um Irmão de cada unidade administrativa entre os delegados eleitos, isto é, um Irmão para cada uma das 25 Províncias e 4 Distritos. O número de Irmãos professos de um Distrito dependente de uma Província é subtraído do número de Irmãos da Província para o cálculo dos delegados desta última.

Os restantes 20 delegados serão escolhidos entre as unidades administrativas com maior número de Irmãos.¹⁶ As eleições desses delegados seguirão as seguintes orientações.

Calcula-se o ‘coeficiente de representatividade’¹⁷ de cada unidade administrativa. Nesse cálculo, apenas os Provinciais são computados entre os membros de direito. As unidades administrativas serão classificadas em ordem crescente de seus respectivos coeficientes. Aumenta-se de 1 o número de delegados a eleger na unidade que estiver em primeiro lugar. Refaz-se então a classificação, recomeçando até que o número de delegados seja atingido.

O Superior Geral, o Vigário Geral e os Conselheiros Gerais, eleitos no decorrer do Capítulo, passam a ser membros dele, isso se já não o forem. E se o Superior Geral eleito não estiver participando do Capítulo, será preciso esperá-lo antes de prosseguir os trabalhos.

O PROCESSO DE ELEIÇÃO

Lembre-se de que, ao se escolher cada delegado para o Capítulo Geral, *deve ser escolhido também o seu respectivo suplente.*



A eleição se processa da seguinte forma.

- **Primeiro escrutínio**

Da lista de Irmãos elegíveis, cada Irmão eleitor deve selecionar e escrever na cédula de votação tantos nomes quantos os delegados a que a Unidade administrativa tiver direito.¹⁸

Depois de ter votado, o eleitor colocará a sua cédula em um pequeno envelope e o fechará. Uma vez completada a votação, os envelopes fechados com as cédulas dos votos devem ser colocados em um segundo envelope, fechado na presença de todos os votantes. Cada eleitor assinará ao lado do próprio nome previamente gravado na parte externa desse segundo envelope que, por sua vez, será colocado dentro de um terceiro envelope, que será fechado e enviado ao Provincial em correspondência registrada.

- **Apuração dos votos**

Uma comissão, formada por quatro Irmãos, será escolhida pelo Provincial e seu Conselho para a apuração dos votos. O Provincial a presidirá. Os Conselheiros Provinciais não podem ser membros dessa comissão.¹⁹

Os membros da comissão apurarão os votos em dia definido pelo Provincial e seu Conselho. A comissão apuradora contará, para cada Irmão escolhido, o **total dos votos** que obteve. Organizará, em ordem decrescente, a lista dos Irmãos que obtiveram votos. Os primeiros colocados, em número igual ao dos delegados a eleger, estarão efetivamente eleitos se obtiverem maioria absoluta. Se todos os delegados forem eleitos, os Irmãos que aparecerem depois, em número igual aos dos capitulares eleitos, estarão eleitos suplentes se obtiverem pelo menos um terço dos votos.

- **Segundo escrutínio**

Se o número exigido de delegados, com seus suplentes, não for atingido no primeiro escrutínio, obviamente será necessário um segundo. Nesse segundo escrutínio, a comissão apuradora levantará uma lista de candidatos, extraindo os nomes dos Irmãos mais votados depois daqueles já eleitos. Para cada posição a ser preenchida no segundo escrutínio haverá três nomes.

Dessa nova lista de elegíveis, estabelecida em ordem alfabética, cada eleitor escreverá na cédula tantos nomes quantas forem as vagas a preencher²⁰. A comissão apuradora contará, para cada Irmão escolhido, o **total dos votos** obtidos. Organizará, então, em ordem decrescente, a lista dos Irmãos que obtiveram votos. Os primeiros colocados, em número igual ao dos delegados a eleger, estarão efetivamente eleitos delegados. Os relacionados a seguir, em número igual ao dos suplentes a eleger, estarão eleitos suplentes.

Em cada escrutínio, no caso de empate, será considerado eleito o mais idoso (ou os mais idosos, quando for o caso).

VOTAÇÃO POR PROCURAÇÃO

Se um Irmão estiver ausente da Província, e se for pouco provável que consiga fazer chegar seu voto ao Provincial mediante correspondência registrada antes da data limite, ele poderá votar por procuração.

Nesse caso, o Irmão notificará o Provincial, pelo meio mais seguro, o fato de que votará por procuração e o nome que designará como seu procurador.

O Irmão que precisar votar por procuração fará os contatos necessários com o Irmão designado como procurador.



Corações Novos para um Mundo Novo

Ir. Seán D. Sammon, SG

O Irmão procurador preencherá duas cédulas e assinará o envelope duas vezes: uma em seu próprio nome e outra como “Procurador do Ir. (...)”

O Provincial informará o Superior da comunidade do Irmão designado como procurador.

DESTRUIÇÃO DAS CÉDULAS

As cédulas de votos deverão ser destruídas após cada escrutínio.

ATAS DAS ELEIÇÕES

No dia da apuração, devem ser redigidas as atas da sessão, que serão assinadas por todos os Irmãos eleitores presentes.

O Provincial envia ao Secretário-Geral uma cópia das atas. Avisa aos delegados de sua eleição e comunica o resultado das eleições aos Irmãos da Província.

No caso de irregularidades, o Superior Geral e seu Conselho podem anular a eleição e fazê-la recomeçar, informando disso o Capítulo Geral.

LISTA DE IRMÃOS

É responsabilidade de cada Provincial e Superior de Distrito assegurar que a lista dos Irmãos de suas unidades seja elaborada e conferida. O processo de eleição não pode se realizar sem que essa etapa seja devidamente completada.

São três as listas a serem elaboradas:

1. Uma lista com os nomes dos Irmãos membros canônicos da Província, acompanhada de outra com os nomes dos Irmãos vinculados ao Distrito dependente de Província. *Estas listas devem ser corretamente elaboradas e atualizadas com os dados do dia 7 de setembro de 2008, como data de referência. Nenhum nome de Irmão pode aparecer simultaneamente na lista da Província e na do Distrito. Por isso, é imperativo que o Provincial e o Superior do Distrito coordenem seus esforços, levando em conta também os estatutos do Distrito. Essas listas devem chegar às mãos do Secretário Geral antes do dia 15 de setembro de 2008.*
2. Uma lista com os nomes dos Irmãos elegíveis às vagas de delegados capitulares. Todos os Irmãos professos perpétuos, exceto aqueles na condição canônica de excomunicação ou em processo de transferência para outro Instituto, podem ser eleitos delegados ao Capítulo Geral.²¹
3. Uma lista com os nomes dos Irmãos eleitores. Todos os Irmãos professos perpétuos e temporários, exceto aqueles na condição canônica de excomunicação ou em processo de transferência para outro Instituto, podem eleger os delegados ao Capítulo Geral.²²
4. Irmãos temporariamente ‘cedidos’ ou em processo de transferência para outras Províncias são eleitores, mas em sua Província de origem.

SUPLENTE

Serão escolhidos suplentes para substituir os Irmãos eventualmente impossibilitados de participar do Capítulo Geral. Para cada delegado eleito será indicado um suplente.²³



Se o Provincial não puder participar do Capítulo Geral, um suplente o substituirá, sendo preciso avisar o Superior Geral a respeito disso.²⁴

Em caso de dúvidas, consulte as “Atas do 20º Capítulo Geral” e “Constituições e Estatutos”.

CONCLUSÃO

Nesse tempo de preparação do 21º Capítulo Geral, a que se dedicam os Irmãos em todo o Instituto e outros membros da Família Marista, nós, integrantes da atual Administração Geral, começamos a preparar a casa para nossos sucessores.

No encerramento do nosso trabalho, fazendo uma retrospectiva dos últimos sete anos, afinal entendo que só me resta agradecer a Deus tantas graças recebidas. Reconheço também, caríssimos Irmãos, que tudo o que foi realizado não teria sido possível sem o seu apoio e generosidade.

Abençoados anos, tão enriquecidos pela graça de Deus! Não obstante, não faltaram desafios. Luís, os Conselheiros e eu demos o melhor de nós para enfrentá-los, e se não foi possível superá-los devidamente, assumo toda a responsabilidade e peço o seu perdão por isso. Minhas limitações ficaram muito evidentes para mim nesses anos que passei em Roma e em outras partes. Rezo para que isso não tenha interferido negativamente no meu discernimento da vontade de Deus para o nosso Instituto neste momento tão importante de nossa história.

Analisando tudo até aqui, faria eu agora alguma coisa de modo diferente? Com certeza. Mas isso é lição reservada para o futuro, não avaliação do passado. Estou convencido de que, se Marcelino estivesse vivo hoje, ele encontraria *Montagnes* em número suficiente para se convencer de que seria preciso fundar um Instituto de Irmãos dedicados a tornar Jesus Cristo conhecido e amado entre as crianças e os jovens pobres.

Estou igualmente certo de que ele nos desafiaria a renovar a nossa vida consagrada, traduzindo-a para os novos tempos. Uma vida consagrada que reintegrasse as antigas virtudes do sacrifício, da dedicação e da auto-transcendência e deixasse de priorizar as necessidades pessoais, o conforto e a autocomplacência. Ele nos alertaria também contra os perigos do profissionalismo e nos encorajaria, em contrapartida, a nos tornar discípulos do Senhor, anunciadores da Palavra de Deus e irmãos das crianças e dos jovens pobres a quem somos chamados a servir. “Renove a paixão que fez nascer a sua vocação!”, ele nos diria.

Conscientes de que o carisma de Marcelino não pertence nem a ele nem a nós exclusivamente, mas a toda a Igreja, ele aprovaria o movimento de parceria que se desenvolve hoje no Instituto em tantas partes do mundo e nos estimularia a trabalhar em comunhão com nossas irmãs e irmãos leigos e a nos apoiar mutuamente em nossas respectivas vocações, distinguindo as áreas que compartilhamos daqueles aspectos peculiares de cada uma.

Estamos às portas de mais um Capítulo Geral na história da vida e da missão marista. Podemos muito bem perder essa oportunidade de renovação. Para evitar esse risco, vamos rezar e discernir; vamos agir com coragem e destemor; vamos enfim ser fiéis ao sonho e à herança de nosso Fundador quando estivermos reunidos no Capítulo Geral no próximo ano.



Sim, vamos ser aqueles *Pequenos Irmãos de Maria* que ele pensou e acalentou naquele 2 de janeiro de 1817 em que o Espírito Santo nos deu à vida.

Esse mesmo Espírito que hoje nos convida para uma vida nova.

Com minhas bênçãos e afeição

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Seán'.

Irmão Seán D. Sammon, FMS
Superior Geral

ANEXOS

DATAS IMPORTANTES

Primeiro roteiro com a síntese das orientações aos Provinciais e Superiores de Distrito na preparação para o 21º Capítulo Geral

Lista nominal dos Irmãos de cada Província e Distrito:

1. A lista com os nomes dos Irmãos de cada Província deve estar pronta com data de referência, para a atualização, **o dia 7 de setembro de 2008**. Os nomes dos Irmãos vinculados ao Distrito sob a administração da Província não devem constar dessa lista. O Provincial deve elaborar uma lista separada com os nomes desses Irmãos para ser enviada nessa mesma data.
2. Essas listas devem ser enviadas ao Secretário Geral, em Roma, por e.mail (secgen@fms.it), por fax [(39) 06 54 51 75 00] ou por postagem expressa, de modo a chegar às mãos do Secretário Geral até o dia **15 de setembro de 2008**. Deve-se providenciar também uma cópia do original de cada lista, assinada pelo Provincial, a ser enviada pelo correio.

3. Cada Provincial receberá, por e.mail ou fax, até o dia **30 de setembro**, uma correspondência informando o número de delegados a eleger pela Província para o Capítulo Geral.
4. A Província deve iniciar o processo de eleição a partir de **30 de setembro de 2008**. Os resultados finais da eleição devem chegar às mãos do Secretário Geral no mais tardar no dia **20 de novembro de 2008**. Os resultados finais podem ser enviados por e.mail ou fax, mas a documentação original, assinada pelo Provincial, também deve ser enviada pelo correio.
5. Além dos nomes dos delegados capitulares e suplentes eleitos, é importante que constem da lista os respectivos endereço postal completo, número(s) de telefone(s) e e.mail(s).

DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE VOTAÇÃO
Segundo roteiro com a síntese
das orientações aos Provinciais
e Superiores de Distrito
na preparação para o 21º Capítulo Geral

Processo de votação

Cada eleitor assinala em sua cédula, a partir da lista dos elegíveis, tantos nomes de delegados quantos couberem, por direito, à Unidade administrativa.

Esses envelopes com os votos são colocados em um segundo envelope, fechado na presença de todos os Irmãos eleitores. Nesse envelope constam os nomes de cada eleitor, que assina ao lado do seu próprio nome.

Esse segundo envelope é colocado em um terceiro envelope, que deve ser enviado ao Provincial mediante correspondência registrada.

Votação por procuração

Se um Irmão estiver ausente da Província, e se for pouco provável que possa fazer chegar seu voto ao Pro-

vincial mediante correspondência registrada antes da data limite, ele poderá votar por procuração.

Nesse caso, o Irmão notificará o Provincial, pelo meio mais seguro:

1. o fato de que votará por procuração;
2. o nome que designará como seu procurador.

O Irmão que precisar votar por procuração fará os contatos necessários com o Irmão designado como procurador.

O Irmão procurador preencherá duas cédulas e assinará o envelope duas vezes: uma em seu próprio nome e outra como “Procurador do Ir. (...)”.

O Provincial informará o Superior da comunidade do Irmão designado como procurador.

Apuração dos votos

Uma comissão apuradora formada por quatro Irmãos será escolhida pelo Provincial e seu Conselho. O Provincial preside a comissão apuradora e determina a data da apuração dos votos. Os Conselheiros Provinciais não podem integrar essa comissão.

Destruição das cédulas

As cédulas de votos deverão ser destruídas após cada escrutínio.

Atas das eleições

No dia da apuração, devem ser redigidas as atas da sessão, assinadas por todos os Irmãos presentes.

O Provincial envia uma cópia dessas atas ao Secretário-Geral, avisa aos delegados de sua eleição e comunica o resultado das eleições aos Irmãos da Província.

No caso de irregularidades, o Superior Geral e seu Conselho podem anular a eleição e fazê-la recomeçar, informando disso o Capítulo Geral.

NOTAS

- ¹ Cf. FRANC, Card. Rodé, C.M. Homily XXXV General Congregation of the Society of Jesus, 7 de Janeiro de 2008. Disponível em http://www.gc35.info/pray/ppal/gc35_files.asp?lg=3
- ² A aprovação do Guia de Formação do Instituto ocorreu em 1993, durante o Capítulo Geral.
- ³ Essa publicação apresenta os seguintes títulos: em francês, *La Mission Educative Mariste: Un projet pour aujourd'hui*; em espanhol, *Misión Educativa Marista: Un proyecto para hoy*; e, em inglês, *In the Footsteps of Marcellin Champagnat: A vision for Marist education today*.
- ⁴ Para análise mais completa desse tema, cf. ROLHEISER, Ronald. *Secularity and the Gospel: Being missionaries to our children*. New York, NY: The Crossroad Publishing Company, 2006.
- ⁵ COX, Harvey. *Fire from Heaven: the Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-First Century*. Redwood City, CA: Addison-Wesley / Perseus Books, 1996, p. xv
- ⁶ Cf. O Capítulo Geral: Estatutos e Regras, #23, in Atas do 20º Capítulo Geral. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, Roma, Itália, maio 2002, p. 89.
- ⁷ Cf. O Capítulo Geral: Estatutos e Regras, #29, in Atas do 20º Capítulo Geral. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, Roma, Itália, maio 2002, p. 91.
- ⁸ Apud John Allen. *The Word from Rome*, National Catholic Reporter, 16 de junho de 2006.

- ⁹ Ibid.
- ¹⁰ Cf. Constituições e Estatutos – Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, art. 138-142.
- ¹¹ Cf. O Capítulo Geral: Estatuto e Regimento, n. 12, in Atas do 20º Capítulo Geral Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Roma, Itália, maio de 2002, p. 86.
- ¹² “O total dos Irmãos eleitos delegados ao Capítulo Geral será de 15 Irmãos a mais do que o total dos membros de direito. Entre os delegados eleitos, haverá:
- 1º) Um eleito em cada unidade administrativa. O número de Irmãos professos de um Distrito dependente de uma Província é subtraído do número de Irmãos da Província, para o cálculo dos delegados desta última.
- 2º) As eleições de outros Irmãos, nas unidades onde o efetivo for mais elevado, serão disciplinadas desta maneira: Calcula-se o coeficiente de representatividade de cada unidade administrativa, isto é, a relação entre o número de capitulares já determinado e o número de Irmãos dessa unidade. Entre os membros de direito contados nesse cálculo, só serão computados os Irmãos Provinciais.
- As unidades administrativas serão classificadas em ordem crescente de seus coeficientes respectivos. Aumenta-se de 1 o número de delegados a eleger na unidade que aparece em primeiro lugar. Refaz-se então a classificação, assim começando, até que o número de delegados seja preenchido.” (Art. 140.2)
- ¹³ Constituições, 140.
- ¹⁴ Constituições, 140.2.
- ¹⁵ Cf. O Capítulo Geral: Estatuto e Regimento n. 11, in Atas do 20º Capítulo Geral. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Roma, Itália, maio de 2002.
- ¹⁶ Cf. Ibid., n.11.
- ¹⁷ O coeficiente de representatividade resulta da relação entre o número de capitulares já determinado e o número de Irmãos dessa unidade.
- ¹⁸ As ATAS do XX Capítulo geral contêm um erro no nº 17 dos “Estatutos e Regimento Interno do Capítulo geral”. Este fato foi comunicado aos Provinciais, na VII Conferência geral (Sri Lanka, 2005).
- ¹⁹ Cf. O Capítulo Geral: Estatuto e Regimento n. 12, in Atas do 20º Capítulo Geral. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Roma, Itália, maio de 2002, n.20.

- ²⁰ Se todos os delegados forem eleitos no primeiro turno, mas for preciso eleger os suplentes, far-se-á sempre uma nova votação, na qual os irmãos escreverão apenas um nome.
- ²¹ Constituições, art. 141.
- ²² Constituições, art. 142.
- ²³ Cf. O Capítulo Geral: Estatuto e Regimento, n. 17, &2º e &4º, in Atas do 20º Capítulo Geral. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Roma, Itália, maio de 2002.
- ²⁴ Cf. O Capítulo Geral: Estatuto e Regimento, n. 24, in Atas do 20º Capítulo Geral. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Roma, Itália, maio de 2002.

